

ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA DO USO DE “A GENTE” EM VARIAÇÃO COM O PRONOME PESSOAL “NÓS” EM REGISTROS NA LITERATURA REGIONAL BRASILEIRA DAS DÉCADAS DE 20, 40, 50, 60 E 90.

DOUGLAS ERALDO DOS SANTOS¹; FELIPE CAETANO SILVEIRA²; JEEAN KARLOS SOUZA GOMES³; Prof. Dr. PAULO R. S. BORGES⁴

Universidade Federal de Pelotas – douglaseraldo@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas – silveiracfelipe@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas – jeeankarlos.c@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas – paulorsborges@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho, desenvolvido na área da sociolinguística, analisou os dados sobre a utilização de “a gente” em variação ao pronome pessoal “nós” em registros da literatura regional brasileira das décadas de 20, 40, 50, 60 e 90. Buscou-se observar o comportamento desse processo de variações, bem como as influências extralinguísticas atreladas ao gênero, à faixa etária e à classe social dos personagens.

Para este trabalho foram observados estudos como FISCHER (1958), que nos fala sobre as influências sociais nas escolhas de variantes linguísticas, bem como a observação da teoria da variação de LABOV (1972). Além disso, buscamos observar os graus de pessoalização de “a gente” conforme apresentado na tese de doutorado de BORGES (2004).

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa foi realizada a partir da leitura das seis obras constantes na Tabela 1 abaixo. A partir dessas leituras foram registradas todas as ocorrências do uso de “a gente” em variação ao pronome “nós” nos textos pesquisados. As ocorrências encontradas foram catalogadas em planilhas que constituem um banco de dados com as informações que buscam traçar um perfil sócio-histórico das personagens “falantes”, como a observação de gênero, classe social e escolaridade. O estudo ainda observou o grau de pessoalização de “a gente”, bem como outros fatores condicionantes a tal escolha.

Tabela 1: Obras Literárias Pesquisadas para o Trabalho

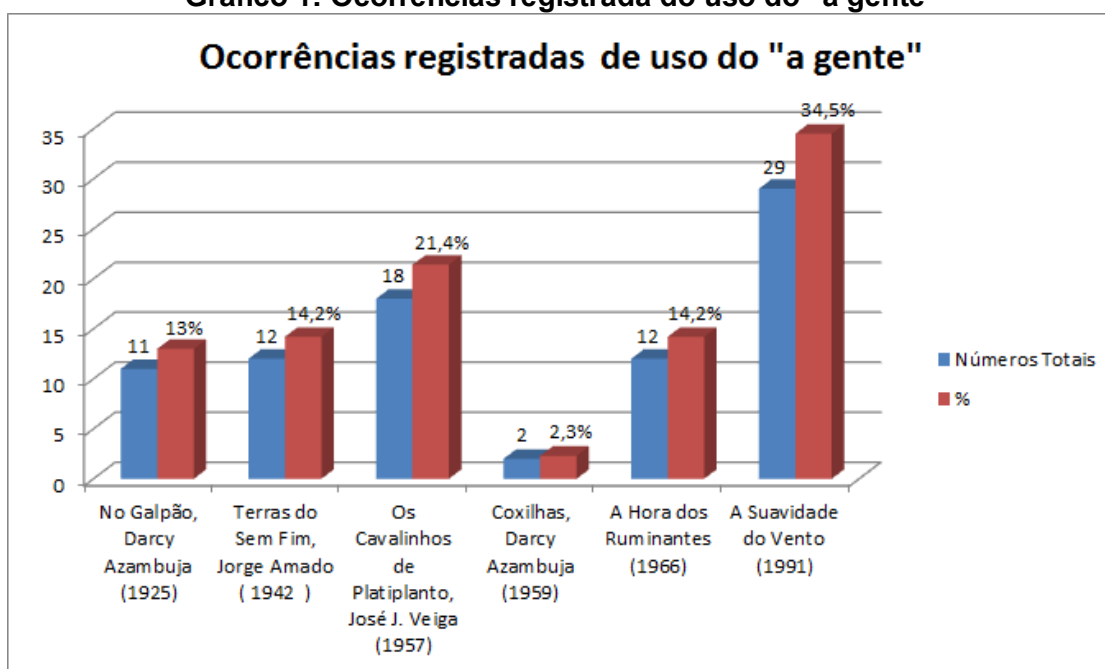
<u>1925</u>	<u>1942</u>	<u>1952</u>	<u>1959</u>	<u>1966</u>	<u>1991</u>
No Galpão, de Darcy Azambuja (256 páginas)	Terras do Sem Fim, de Jorge Amado (282 páginas)	Coxilhas, de Darcy Azambuja (200 páginas)	Os Cavalinhos de Platiplanto, de José J. Veiga (124 páginas)	A Hora dos Ruminantes, de José J. Veiga (150 páginas - reedição 2015)	A Suavidade do Vento, de Cristovão Tezza (256 páginas - reedição 2015)
Coletânea de contos ambientados no	Romance canônico do ciclo do cacau narra as disputas agrárias entre	Coletânea de contos revelando o	Coletânea de contos cujos espaços são rurais,	Romance ambientado na cidade de Manarairema, um	Romance ambientado numa pequena cidade

Rio Grande do Sul que em grande parte narra os hábitos e o cotidiano da cultura do sul em que se mostra a lide rural, bem como se relembram causos de guerras.	as famílias Badaró e do Coronel Horácio, bem como discorre sobre o desenvolvimento e a urbanização prodeciente do crescimento econômico.	hábito e as lides campeiras no Rio Grande do Sul.	além de trazer narradores ainda crianças, ou adolescentes em uma narrativa que aproxima-se do fantástico.	espaço rural em que há um pequeno centro urbano com comércio, igreja, ferraria, entre outros serviços, além das casas de moradias.	paranaense durante a década de 70 com boa diversidade social, protagonizado por um professor, e com uma vida social que circula em diferentes meios, empresários, comerciantes, jornalistas, etc...
--	--	---	---	--	---

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da presente pesquisa apresentaram dados interessantes e significativos quanto ao uso da variante “a gente”. Nas obras literárias do período pesquisado podemos perceber através da voz das personagens (muito raro no caso do narrador) a presença desta variação, além das particularidades e condicionantes desta escolha. Além disso, a linha do tempo desta pesquisa, salvo uma queda que será analisada, revelou ainda um avanço gradual das ocorrências, bem como uma mudança de perfis sócio-histórico dos falantes da variante.

Gráfico 1: Ocorrências registrada do uso do “a gente”



Com o presente estudo, estamos criando um banco de dados que possibilitará aprofundar a pesquisa sobre o fenômeno da gramaticalização de “a gente”, bem como observar o comportamento sociolinguístico através do registro em nossa literatura de um fenômeno inicialmente presente na fala, mas que ao longo dos tempos, como foi possível ser visto na linha diacrônica deste trabalho, passou a ser registrado por reconhecidos autores brasileiros em suas obras literárias.

4. CONCLUSÕES

Primeiramente, o presente estudo nos confirma que a variante “a gente” vem sendo utilizada pelos falantes do português brasileiro há bastante tempo e, no caso específico deste trabalho, os registros nas obras literárias nos permite afirmar que tal variação ocorre há mais de cem anos; portanto, este fenômeno sociolinguístico não é novidade, embora as ocorrências registradas apontem para fenômenos observados pela sociolinguística, como o avanço e a mudança de perfis dos optantes pelo uso desta variante. O estudo nos demonstrou através de seus primeiros registros, que inicialmente esta variação ocorria de uma forma menos prestigiada, presente principalmente nas falas de pessoas de menor escolaridade, homens, e todos de uma origem rural. Contudo, ao avançar na linha do tempo, a pesquisa nos revelou o aumento de “pessoas” falantes de “a gente”, bem como da ampliação da diversidade dos perfis sócio-histórico destes falantes.

Assim, este trabalho se propõe a observar os registros literários em que as ocorrências desta variação aparecem, sob a perspectiva da sociolinguística, levando-se em conta os diferentes usos de “a gente” na literatura, para que se possa traçar um paralelo com os dados encontrados na fala do português brasileiro. Conforme os dados coletados apontam, os autores dos textos analisados, de fato, observaram tais fenômenos sociolinguísticos e os reproduziram com certa proximidade com o que vem ocorrendo na língua falada.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística: fixação de um campo de estudos [parte I]. In. Mussalim, F. & BENTES, A. C. (orgs.). Introdução à linguística: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2003.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística: parte II. In. Mussalim, F. & BENTES, A. C. (orgs.). Introdução à linguística: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2003.

BAGNO, Marcos. Por que tratar da variação linguística? In. Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007

CHAGAS, Paulo. A mudança linguística. In. FIORIN, José Luiz (org.). Introdução à linguística: objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2010.

MONTEIRO, José Lemos. A variação linguística. In. MONTEIRO, José Lemos. Para entender Labov. Petrópolis: Vozes, 2002.

BAGNO, Marcos. Língua(s) e sociedade no Brasil contemporâneo. In. BAGNO, Marcos. Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português. São Paulo: Parábola, 2013.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In. MOLLICA, M. C;

BRAGA, M. L. (org.). Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

TARALLO, Fernando. O fato sociolinguístico. In. TARALLO, Fernando. A pesquisa sociolinguística. São Paulo, Ática, 2006.

LABOV, W. Padrões Sociolinguísticos. São Paulo: Parábola, 2008.
Cidadania. Porto Alegre : UFRGS, 2004.

Tese/Dissertação/Monografia

BORGES, P. R. S, A Gramaticalização de “a gente” no português brasileiro: análise histórico-social-linguística da fala nas comunidades de Jaguarão e Pelotas, 2004.

Documentos Pesquisados

No Galpão, Darcy Azambuja. Editora Globo, 256 páginas, 1925.

Terras do Sem Fim, Jorge Amado. Círculo do Livro, 282 páginas, 1972.

Coxilhas, Darcy Azambuja. Editora Globo, 200 páginas, 1952.

Os Cavalinhos de Platiplanto, José J. Veiga. Civilização Brasileira, 124 páginas, 1972.

A Hora dos Ruminantes, José J. Veiga. Companhia das Letras, 150 páginas, 2015.

A Suavidade do Vento, Cristovão Tezza. Record, 256 páginas, 2015.